



AVENÇADO

Redacção, Administração e Composição—Rua Barjona de Freitas, n.º 26—28 Tel. 8310—Barcelos

SEMANARIO REGIONALISTA POR PORTUGAL! — POR BARCELOS!

Impressão—Companhia Editora do Minho Rua D. Antonio Barroso—BARCELOS

Trimestre, 10\$—Semestre, 20\$—Ano 35\$
ASSINA- Estrangeiro (excepto o Brasil) 30\$
TURAS: Africa e Açores 40\$
(Pagamento adiantado)

Adm., Prop. e Director: Rogerio Calás de Carvalho
Editor: José Lucindo Cardoso de Carvalho

Numero avulso—1 escudo
Os Snrs. Assinantes gosam o desconto de 20 %
ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

SABADO, 20 DE OUTUBRO DE 1956

BARCELOS E O MUSEU

Tem-se notado no meio Barcelense um grande interesse pela criação dum Museu, que vindo a preencher uma lacuna que desde há muito se faz sentir no nosso meio cultural, seja ao mesmo tempo um testemunho fiel da importância e valor da nossa Terra. Não é novo este movimento, pois há muitos anos que vem sendo apoiado por este Jornal; nem tem passado despercebido ás nossas autoridades administrativas, que, anos atrás, fizeram grandes preparativos para a sua criação. Espera-se que as pessoas responsáveis continuem a prestar os seus cuidados, para que o velho sonho se torne em breve uma grande realidade. Longe de exigir grandes trabalhos, um Museu em Barcelos é uma obra indispensável no nosso tempo, como em poucas palavras tentaremos demonstrar.

Estamos na época do Turismo, com os seus passeios, com as suas excursões; e Barcelos, poderoso íman de atracção, deve mostrar ao visitante alguma coisa mais do que a policromia dos seus jardins; do que o maravilhoso da sua paisagem. Deve fazê-lo estrar no intimo da sua história, e em voltar os passos da vida e dos costumes do seu povo. Um Museu histórico e etnográfico da nossa região, seria um belo compendio, onde todos poderiam aprender alguma coisa da vida e das tradições da nossa gente.

A organização dum Museu em Barcelos, não exige grandes esforços, nem obriga a dispendir grandes capitais; onde todos ajudam nada custa, e tudo leva a crer que não faltará quem ofereça as suas colleções ou outros objectos a figurar na exposição, logo que appareça uma sala devidamente organizada para tal fim; e mesmo que a angariação dos primeiros elementos fosse um problema, bastariam, para começar, as obras de pedra que figuram no Museu Arqueológico, a par da bela colleção do Grupo Alcaides de Faria.

O aparecimento duma coisa nova, está, por vezes, sujeito a uma divergência de opiniões, principalmente no que respeita ao nome que se lhe deve attribuir, ou critério que se deve adoptar na sua organica; e isto resulta muitas vezes, em prejuizo da própria organização. No caso de em Barcelos se criar o Museu, como classificá-lo? Museu Regional, parece-nos ser a designação mais apropriada. Em todo o caso, não deve ser uma arrecadação de objectos votados ao abandono, mas sim um mostruário de elementos de real valor, criteriosamente distribuidos por secções de história, etnografia e arte popular.

Barcelos tem elementos sobejos para que qualquer destas secções seja devidamente representada.

Para a de História, tem um valiosissimo recurso nas citânias e monumentos pré-históricos, para o estudo dos nossos mais velhos antepassados; romanos, visigodos e árabes, e até ultimamente os franceses, deixaram a sua passagem bem escrita na nossa terra, pelos estragos ou beneficios que fizeram neste concelho.

Depois de representados os costumes e tradições do nosso povo, é de grande utilidade, e,

ESCRAVO DA TERRA!...

Vida ingrata, dura e pobre. Vida de trabalho e canseiras, cheia de contrariedades, não compensa o esforço nem os cuidados dos homens que labutam na terra. Os escravos da gleba, são essa pobre gente que não tem horário de trabalho, nem abonos de família, nem salário, nem assistência médica, nem nada. Tem apenas uns farrapos com que se cobrem e, nem sempre, o magro caldo e o naco da borã. Faz impressão, a quem vem da cidade, habituado a todas as comodidades, ver como esta gentinha miseravel consegue sobreviver e ter ainda forças para trabalhar. Não nos referimos ao trabalhador rural, porque esse, cá no norte, está praticamente extinto. Falamos do lavrador, d'aquelle que tem uma geira de terra, uns campitos mesmo amplos, o que chamamos propriamente lavrador.

E' pois do chamado lavrador, que pretendo dar uma ideia, embora ligeira, da sua vida cheia de privações. E' desse lavrador ainda agarrado ao torrão, que teima, que persiste em arrotear a terra cansada, que não desiste, que procura em vão, ano após ano, a compensação do seu esforço. E' desse homem tostado, que ama a terra ingrata, que a acaricia como a um filho querido, que a estremece e lhe dá o seu suor e o seu sangue, em troca duns míseros proventos. Desse homem que vende o leite das suas vacas, os ovos das suas galinhas, para comprar outros alimentos mais baratos, em prejuizo da sua saúde. D'esse homem mal alimentado, vivendo em mansardas sem higiene, que se sacrifica em beneficio dos senhores da cidade. E' tudo isto e muito mais, que daria muitas páginas de leitura.

Escrever pois sobre a Lavoura, é tema fácil, porque está tão ao vivo o seu mal estar, é tão grave a sua crise, que todos podem falar dela. Todos podem e todos o sabem, até os altos poderes. Apesar de existirem muitos organismos chamados de defesa, apenas vimos ainda um preço mínimo para o milho, cá no norte, já se vê, e que alguns beneficios trouxe. A'parte isto, nada mais se fez. E a derrocada continúa. E a lavoura afunda-se, esta pequena lavoura que devia ser amparada, mas com um auxilio directo e objectivo e não com promessas de criação de departamentos officiaes onde impera a burocracia estéril. Não. E' necessário alguma coisa de pratico e positivo. Estudem-no os snrs. economistas, como estudaram outros sectores da economia nacional, como as grandes concentrações fabris. Como a pesca nacional, hoje bem defendida.

Podem perguntar, aqueles que não andam a par destas coisas da Lavoura, onde está a crise da mesma. Dir-lhes-ei, aos incrédulos ou aos que a ignoram, que ela está na miséria que vemos por todo o norte onde impera a pequena lavoura. Que ela está nos pedidos de empréstimos de dinheiro, nas hipotecas feitas, na fartura de ofertas de terra para vender. E, se perguntarem os motivos desta decadência, dir-lhes-ei tambem que se fundamentam nos maus anos agrícolas, mas muito mais ainda nos preços baixos porque lhes pagam os seus produtos. E, para esclarecer este paradoxo de sub-produção e baixos preços, direi ainda que seria catastrófico um ano abundante. Partindo deste principio, chegamos a esta triste realidade. E' que não há consumo e os preços não são compensadores. Entretanto... custa-me até abordar este assunto, mas já agora tenho que completar o meu pensamento sobre o já tão estafado estribilho de crise da lavoura. E completo-o desta forma. Os preços na origem são baixos. Mas, quando chegam aos centros populacionais consumidores são carissimos. O exemplo das carnes e dos vinhos, é mais que ilucidativo. Vejam os preços destes dois alimentos na cidade do Porto e confrontem-nos com o custo na provincia. E' de arrepiar. Onde reside o mal? Todos o sabem e não é necessário focá-lo. Ainda para terminar e sobre vinhos, não se compreende como não há já medidas tomadas para facilitar a sua exportação. Nos mercados de A'frica, teriamos um grande consumidor, se eles chegassem lá sem peias, se conseguissem tarifas baratas (o que não seria difficil, pois as Companhias de Navegação têm lucros fabulosos) eliminassem todas as taxas mesmo as dos direitos alfandegarios e fazer-se-ia o escoamento. As adegas regionais pouco vêm beneficiar. O que interessava ao nosso País era a saída dos vinhos, quer para o estrangeiro, quer para as nossas colónias.

Voltarei a este assunto para a semana.

A. R.

ANIVERSARIO NATALICIO

Amanhã, dia 21 do corrente, completa 97 anos de idade, a Sr.ª D. Victória Sant'Ana da Silva Melo Vaz, extremosa Mãe dos nossos prezados amigos, Snrs. Celso, João e Almor Sant'Ana Melo Pereira Vaz e da dedicada Esposa do nosso tambem amigo, Sr. José Gomes de Sousa. Com as nossas felicitações, desejamos que a veneranda senhora continue a fazer mais anos.

digamos até, absolutamente indispensável num Museu de Barcelos, uma exposição dos produtos mais característicos da nossa arte popular, com especial relevo para a cerâmica regional. Para muitos que não dispõem de tempo para visitarem os nossos artistas do barro, seria de inegável vantagem uma boa colleção dos melhores produtos da olaria barcelense.

Uma coisa de grande utilidade para um bom Museu e que tem sido pouco observada na prática, é a elaboração de mapas especiais, onde se relacionem os objectos expostos com as localidades onde foram colhidos; isto teria a vantagem, para nós muito honrosa, de levar muitos estranhos a estudar mais de perto a nossa região.

No décimo aniversário da criação das Casas do Povo, um membro do Governo disse que estas Corporações deviam organizar a sua sede, de maneira a traduzir bem a região que representam, quer pelas suas linhas arquitectónicas e característico do seu mobiliário, quer pela exposição de alguns produtos mais particulares do seu artesanato, ou pinturas alusivas ás belezas da terra; muitos anos se passaram já, e não nos consta que esta ideia tenha sido tomada na devida consideração por aqueles a quem cabem as responsabilidades.

Seria agora uma ocasião oportuna para pôr isto em prática na nossa terra; assim conseguiria Barcelos estender o Museu a todo o concelho, e conseguiriam as Casas do Povo levar toda a sua região para a respectiva sede.

(Lisboa) *Silvestre da Costa*

Visitantes Ilustres

Conforme os demais anos, no dia 11 do corrente tivemos a honra de receber, nesta Redacção, os amigos cumprimentos dos Ex.ªs Snrs. Comendador Matias Rodrigues de Araújo Lima, talentoso Escritor e Colaborador muito distinto deste Semanario; Visconde Oliveira do Paço, Proprietário; Antonio Gomes do Rego, importante Negociante no Porto e nosso ilustre Colaborador, e Domingos de Castro Gomes, conceituado Comerciante na Cidade Invicta.

Aos preclaros amigos, com os nossos affectuosos cumprimentos, agradecemos-lhes as amáveis palavras que dispensaram ao nosso Director.

Ainda o 23.º Aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional

Em todo o Império Português, esta gloriosa data tem sido festejada, brilhantemente, com sessões solenes, interessantes representações, manifestações fol-

clóricas, etc., etc.

Em Barcelos, essas Comemorações têm atingido o maior entusiasmo possível.

Hoje, ás 21 horas, nas Termas do Eirogo, a Ex.ª Direcção do Grémio do Comércio de Barcelos, de colaboração com o Centro Recreativo Popular da Casa do Povo de Barcelinhos, realiza uma imponente Festa Comemorativa do 23.º Aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, com o programa que segue:

I parte—Sessão Comemorativa e distribuição dos Diplomas aos Concorrentes das freguesias de Lijó, Arcozelo, Alvito S. Pedro, Galegos St.ª Maria, Galegos S. Martinho, Ucha, Lama e

UMA OBRA CONFORME A MELHOR JUSTIÇA SOCIAL

Fazendo-se de certo modo o primeiro dos agentes activos da Campanha Nacional de Educação Corporativa que, por sua alta e oportuna iniciativa, em breve vai iniciar-se no País, o Sr. Ministro das Corporações não perde uma única ocasião que se lhe depare para expôr e explicar os principios fundamentais em que assenta o Corporativismo Português, equacionar os seus principais problemas, enunciar as soluções que o Governo pretende dar a estes, ajudar, enfim, à criação daquela mentalidade corporativa que é indispensável ao triunfo pleno do sistema que está na base do Estado Novo. E convenhamos em que, de todas as vezes que o tem feito, pela forma elevada e ao mesmo tempo clara e desassombrosa como sempre o faz, não só o seu prestigio pessoal ficou muito justamente aumentado e os temas que abordou devidamente esclarecidos, como também a convicção da utilidade e viabilidade do sistema se arreigou mais na consciência dos portugueses, que o escutam com interesse crescente.

Nas últimas semanas, no norte do País, por onde incansavelmente tem andado no prosseguimento dos utilísimos contactos pessoais com os dirigentes corporativos, que se impôs como indispensáveis à perfeita solução dos problemas locais affectos ao seu Ministério, o Sr. Dr. Veiga de Macedo tem tido bastantes ocasiões de desempenhar-se, com o brilho de sempre, daquela sua tarefa de explicar principios, esclarecer problemas, enunciar soluções. Mas de todas elas sobressai, sem dúvida, pela importância das afirmações a que deu lugar, a da inauguração do infantário dos filhos dos pescadores e do pessoal das secas do bacalhau, na Figueira da Foz.

Ali, depois de fazer o justo elogio da obra realizada pelas Casas dos Pescadores e sua Junta Central, o Sr. Ministro das Corporações perguntou e logo respondeu: «Quero com isto significar que está tudo certo e

Areias S. Vicente, da 1.ª Exposição de Arte dos Trabalhadores, organizada pelo Grémio do Comércio.

II parte—Acto de Variedades, pela Orquestra Ligeira e Vocalista do C. R. P. da C. P. de Barcelinhos e

III parte—Uma desfolhada no Minho, com a colaboração do Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos.

—Agradecemos a gentileza do convite.



BARCELOS—Azenhas de Santo Antonio de Vessadas, no Rio Cávado

INTRA-MUROS

REFLEXO DE SOMBRAS

«Uma onda de loucura corre pelo mundo inteiro, nas cabeças, nos corações nos ventres, nas tripas, e até... nas bolsas!!!»

P.^o MANUEL RUELA POMBO

BOLAS DE SABÃO

Há algum tempo a esta parte temos visto que certa imprensa local insiste, ou antes persiste em lançar na opinião pública o pedido de uma Escola Técnica, a exemplo do que se tem levado a efeito em determinadas localidades, apontando estas soluções resolvidas aqui a dois passos, nos concelhos de Famalicão e Santo Tirso.

Nós apalpando a opinião pública, de facto verificamos que a nossa Cidade,—(sede de um concelho dos maiores do País),—tem necessidade de ter e manter localmente um estabelecimento escolar de molde a beneficiar as famílias que desejam que seus filhos vão além da instrução primária.

Isto é preciso. Ninguém o contesta. Mas é preciso ponderação no pedido a fazer do tal estabelecimento de ensino.

Não nos devemos precipitar com pedidos que precisam de muita ponderação.

Quer dizer, quando se tiver de fazer este pedido, precisa-se de ver e pensar maduramente no assunto, estudando-o convenientemente. Não se trata das varreduras das ruas se é de dia ou de noite, nem tão pouco dos tapais que envergonham a cidade.

Os clamores dos habitantes da Cidade e Concelho a propósito da necessidade de se crear em Barcelos uma Escola Técnica, AINDA NÃO DEU LUGAR A SE PRODUIZIR PRÉCES NESTE SENTIDO.

Mas Deus que é Pai de todos nos ouvirá e protegerá neste sentido. Conhecido o meio barcelense, isto é, o nosso vasto concelho que é essencialmente agrícola, parece-nos que, para efeito do desenvolvimento do ensino escolar, quer-se comparar Barcelos com os concelhos de Famalicão e Santo Tirso—(concelhos essencialmente industriais),—é o mesmo que querer comparar uma formiga com um elefante. Barcelos nunca descurou este magno assunto e cabeças de elevada cultura, como Conselheiro José Novaes e mais tarde Dr. José de Matos Graça, quando Presidentes da nossa Camara, pediram a criação de um Liceu Municipal, estabelecimento que a par com a Escola Agrícola Gonçalo Pereira, satisfaria e satisfaz eficazmente as necessidades concelhias referente ao ensino que se precisa.

Um Liceu, sim. Ou então uma Escola de Artes e Ofícios verdadeira e convenientemente adaptada ao nosso meio agrícola, porque a não ser assim vai-se remediando provisoriamente com os dois excelentes Colégios que temos a substituir o desejado Liceu Municipal até á sua criação, que é imperiosa.

Mas, meus caros leitores, o caso em questão, precisa, como dissemos, de muita ponderação e estudo e não de apreciações desfavoráveis a quem tem o dever de olhar pela cultura do concelho e de mais coisas de utilidade para Barcelos.

Até breves dias em que desejamos voltar a focar este assunto, fazemos votos ao Altíssimo para que TAIS CLAMORES DO PUBLICO BARCELENSE RECEBAM A BENÇÃO DIVINA.

Francisco Cardoso e Silva (Z)

que a organização corporativa não deve de futuro aperfeiçoar-se e intensificar a sua acção? De forma alguma. Mal iríamos se nos predispuéssemos a desancisar sobre os resultados atingidos e a pensar que nada há a corrigir nas múltiplas actividades prosseguidas (...). Temos a consciência da extensão e do valor da obra já erguida (...). Mas sabe-se bem que um sistema politico-social, muito embora aliçado como o nosso corporativismo, nas realidades da vida, não se levanta de uma só vez, como um bloco, antes se vai desenvolvendo e aperfeiçoando com o rodar dos anos e o esforço dos homens. Tudo está em que estes, superando a lei do menor esforço e da rotina, saibam estar atentos ao funcionamento do sistema e manter-se fieis ao principio da supremacia das conveniências nacionais sobre os interesses dos grupos ou das classes. E esclarecendo, continuou: «Torna-se, por outro lado, imprescindível não esquecer que os grandes êxitos se alcançam através de uma criteriosa e constante coordenação de esforços. Não somos suficientemente ricos para que sejam de consentir duplicações e gastos inúteis. Está-se, por isso, a trabalhar para que os organismos corporativos e as instituições de previdência cooperem, de futuro, ainda mais intimamente, na realização dos seus objectivos de caracter económico, social ou cultural. Dever-se-á também, como é lógico, oferecer e aceitar a colaboração de quaisquer entidades públicas ou particulares, sem se perder de vista, no entanto, que a melhor forma de dar efectivação prática à politica de protecção e elevação do trabalhador e sua família é precisamente a de aproveitar e valorizar os organismos corporativos. (...) A cooperação exige o cumprimento de obrigações mútuas. A ser assim, a Organização Corporativa não pode, nem por certo aceitar, uma cooperação que implique subordinação ou transferência de poderes inerentes à sua autonomia específica.»

Mais adiante, continuando a

esclarecer os seus ouvintes sobre o pensamento do Governo no que se refere à estruturação do Corporativismo Português, o Sr. Dr. Veiga de Macedo, disse ainda: «O sistema corporativo surge como a grande esperança dos tempos modernos: a esperança de que seja possível salvar a liberdade do homem e acautelar os interesses gerais, sem cair nos males do liberalismo nem na omnipotência do Estado totalitário. Se somos contra as grandes e ambiciosas planificações e contra a intervenção estatal para além do legítimo e do desejável, na vida das pessoas e dos organismos, temos de estar bem atentos, não vá acontecer que num Estado dito corporativo se sacrifiquem altos valores humanos e a autonomia da organização, mesmo no plano da previdência e da assistência, e até ao da cultura. A autonomia das Corporações e dos organismos que a integram, mais do que no campo das relações económicas, assume particular relevância nos extensos domínios da acção social, até pela simples razão de que aqui se encontra bem mais afastado o perigo de se poderem vir a sacrificar os superiores interesses da comunidade às conveniências da categoria ou da profissão.»

Tudo isto, disse finalmente o Sr. Ministro das Corporações, «vem a propósito da necessidade de que entre a Organização Corporativa da classe piscatória, e as restantes instituições, designadamente as de feição corporativa e de protecção ao trabalhador, se estreitem mais fortemente as relações e se estabeleçam todos os acordos de cooperação, exigidos pelas conveniências especiais e gerais em presença» e também «da vantagem que há em esclarecer um ponto de interesse vital para o futuro da Organização Corporativa, mormente quando se prepara a instituição das primeiras Corporações, entre as quais a Corporação da Pesca e das Conservas será, dentro de meses, uma consoladora realidade.» Mas tudo o que o Sr. Dr. Veiga de Macedo disse neste seu memorável dis-

Ecoss da Franqueira

D. Amélia de Campos Pena

Sufragando a alma desta beneficentadora, Esposa do também benemerito do Santuário, Sr. João Gomes Pena, a Confraria manda celebrar uma Missa, que será rezada na Franqueira, amanhã, domingo, ás 10 horas. Assistirá uma representação da Mesa.

Casamentos

Celebraram-se na Franqueira os casamentos seguintes:

Domingos do Vale Real e D. Gracinda de Araujo Real. Foi celebrante o Rev.^o Arcipreste-Substituto, Sr. P.^o Rodrigo Alves Novais.

—Rodrigo Carlos da Cruz Amaral, com D. Maria José Araujo dos Santos, tendo sido celebrante o Sr. P.^o Joaquim da Cunha Peixoto.

—Querubim Maria de Oliveira Lima Evangelista, Funcionário de Finanças em Armamar, com D. Miquelina Linhares Pereira, Professora Primária, do nosso concelho.

—Candido Augusto de Sousa Cunha e D. Maria da Conceição da Silva Gomes, desta cidade, que se casaram na última quarta-feira, sendo celebrante o Rev.^o Prior de Barcelos. Foram padrinhos, pelo noivo, seus pais, Sr. Candido da Cunha e Sr.^a D. Maria das Dores Landolt de Sousa e Cunha, e pela noiva, o tio paterno Sr. José Manuel Barreto e a Sr.^a D. Carolina Pimenta.

Aos novos lares cristãos, os nossos votos das melhores felicidades.

Visitantes Ilustres

Do livro de registo de visitantes, respingamos a vinda á Franqueira dos seguintes Snrs.:

Klans Leichenring, de Frankfurt, Alemanha; Walband Licher, de Hildesheim, Alemanha; Raimiro Caudas Braña, de Oviedo, Espanha; D. Isolina Lobarinhas Loureiro, D. Maria José Lobarinhas Loureiro, D. Maria Amélia Lobarinhas Loureiro e Daniel de Lima Loureiro, do Rio de Janeiro; D. Ester Landeman da Silva, de Lisboa; Tenente Miguel Alves e Família, de Viana do Castelo; Dr. Braga da Cruz, de Braga; Antonio Augusto Félix e D. Sofia Félix, de Santo Tirso.

P.

DIA DAS MISSÕES

Amanhã, em todas as Igrejas e Capelas do nosso concelho, faz-se o peditório para as Missões Ultramarinas.

E' justo que todos os católicos contribuam conforme as suas possibilidades para este fim: Auxiliar as Missões que tão belos Serviços prestam á Igreja e á Pátria.

BAPTIZADOS

No dia 7 do corrente, na Igreja Matriz de Barcelos, recebeu as águas lustrais do baptismo uma filhinha do nosso preclaro amigo e distinto Colaborador, Sr. Manuel da Graça Pereira, inteligente Empregado superior no Escritório da Fábrica Barcelense. A neofita recebeu o nome de Maria Teresa, sendo padrinhos a Sr.^a D. Albina Caravana, Proprietária e avó materna e o nosso também amigo, Sr. João Araujo Novo, digno Industrial e tio materno.

—Na Igreja de Perelhal, foi baptizada uma filhinha do nosso amigo e assinante, Sr. Pedro de Oliveira. Foram padrinhos a menina Maria de La Salete Calás de Oliveira Carvalho e Rogério Calás de Oliveira Carvalho. A' baptizada, foi dado o nome de Maria Salete.

A's neófitas, desejamos as melhores felicidades.

curso da Figueira da Foz serve também e eloquentemente para demonstrar a firme decisão em que está o nosso Governo de prosseguir na sólida estruturação do Corporativismo Português e o seu empenho construtivo em fazer obra decisiva e conforme á melhor justiça social.

Por isso não resistimos a fazer, neste nosso artigo de hoje, uma tão larga transcrição das palavras do ilustre Ministro das Corporações,

Antero Nobre

ACTIVIDADE MUNICIPAL

(Continuação do número 2375)

Estão a decorrer os trabalhos de construção dos edificios escolares de Barqueiros, Bastuço Santo Estevão e Lama. Aguarda-se o inicio das obras de construção das freguesias de Mariz, Perelhal, Igreja Nova, Sequide, Vila Frescainha S. Pedro, Aborim, Minhotães, Pereira e Tamel (S. Fins), cujos terrenos já estão aprovados pelas entidades competentes. Estão propostos os terrenos para a construção de escolas e aguardam aprovação para o consequente inicio dos edificios de Balugães, Aguiar, Feitos e Palme.

—Além das despesas inerentes, á construção das escolas do Plano dos Centenários, continuará este Corpo Administrativo a satisfazer os encargos com a aquisição de mobiliário e de material didático, conservação e reparação de edificios escolares, reparação de mobiliário e material didático, luz, aquecimento, água e limpeza, renda de edificios escolares, e reembolso nos termos do n.^o 5 do Decreto-lei n.^o 36.675.

Bases do Orçamento Ordindrio

Para satisfação dos seus encargos e para a execução do seu plano de actividade para o próximo ano, conta a Camara Municipal com a seguinte receita: 2:550.000\$00

—Não pode, nesta data, prever-se o montante das receitas extraordinárias, pois não pode calcular-se, para já, qual será o montante das participações do Estado que virão a ser concedidas ou recebidas.

Despesa Ordinária

O computo aproximado das despesas ordinárias a efectuar no próximo ano, será de 3:091.531\$10 assim distribuídos:

Encargos de empréstimos, 421.543\$10; Pensões de aposentação a pagar aos funcionários fora do serviço, 54.226\$00; Presidência, 58.000\$00; Secretaria, 904.942\$00; Tesouraria, 55.000\$00; Serviços de Saúde, 125.000\$00; Sanidade Pecuária, 30.920\$00; Serviços de Higiene e Limpeza, 122.500\$00; Serviços de água e saneamento, 180.000\$00; Cemitério, 24.700\$00; Matadouro, 140.000\$00; Serviços de fiscalização de impostos, 86.700\$00; Mercados e feiras, 71.000\$00; Obras, 625.000\$00; Jardins e arborização, 78.000\$00; Cadeia, 12.000\$00; Serviços de aferição, 12.000\$00; Instrução, 160.000\$00 e Biblioteca e Museu, 30.000\$00.

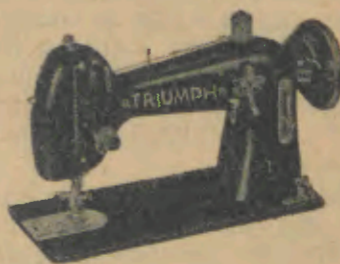
Soma 3:091.531\$10.

(Continua)

Adereços e ramos de laranja para noivas, arminho, missanga, plástico a metro, brilhantes para adornar imagens e bordar, Ceias de Cristo, em metal, e artigos religiosos, vende a

ATENA

RUA D. ANTONIO BARROSO, 6—BARCELOS



TRIUMPH

Haid & Neuh

Famosas máquinas de costura desde 1860

Um prazer a bordar e a coser!

O TRIUNFO DA INDUSTRIA ALEMÁ ASSISTÊNCIA TECNICA = PEÇAS SOBRESSALENTES SEMPRE EM DEPÓSITO.

AGENTE EM BARCELOS

João Dias de Sousa

Campo 5 de Outubro, n.^o 38—A Telef. 8433

Representante no Norte:

Agencia de Representações «ESPLINDIDA», Ld.^a Rua Morgado de Mateus, 187 a 193—Tel. 52424—PORTO—Portugal

LUZ ELÉCTRICA EM ALVELOS

Mais um importante melhoramento vai contar a próspera freguesia de Alvelos, deste concelho.

E' que, amanhã, á noite, vai ser inaugurada, solenemente, a luz eléctrica nessa donairoza povoação, motivo porque os seus numerosos habitantes estão radiantes e satisfeitos com a Ex.^{ma} Camara que tanto tem trabalhado para o progresso do nosso grande concelho.

E o mundo continua a marchar; não anda parado...

MARMORES

PARA TODAS AS APLICAÇÕES

A. PEREIRA MATOS

Av.^a Rodrigues de Freitas, 195—PORTO

Agente em Barcelos

DANIEL DA SILVA

41 RUA DO QUE DE BRAGANÇA 45

Telf. 8533—BARCELOS

JOSÉ CARDOSO DA SILVA

Decorreu com o maior entusiasmo o banquete de homenagem, realizado no dia 13, em Braga, a este nosso ilustre conterrâneo e amigo, promovido por um grupo de amigos pessoais e admiradores da sua grande obra de jardinagem e ornamentos com a colaboração das Camaras Municipais de Braga, Barcelos, Guimarães, Vila do Conde e Santo Tirso e das Confrarias do Sameiro, Bom Jesus do Monte, etc.

Neste banquete fizeram uso da palavra, enaltecendo as belas qualidades de trabalho e o fino gosto artistico do Sr. Cardoso, os Snrs.: Augusto Martins, Dr. Eugénio Bacelar Ferreira, Francisco José Monteiro Torres, Dr. João Estácio Pinheiro de Almeida, Antonio Faria Martins, José Pinheiro da Costa, M. da Rocha, Antonio A. Nogueira e Antonio Maria Santos da Cunha, agradecendo-lhes, comovidamente, o homenagem.

—O Sr. Presidente da Camara Municipal de Braga ofereceu ao Sr. Cardoso da Silva a sua caneta e a Comissão da homenagem uma jarra de prata.

—Tomaram parte no banquete mais de 80 convivas e, entre a numerosa correspondencia, notou-se uma carta do Sr. Dr. Mário Norton, ilustre Provedor da Misericórdia de Barcelos e antigo Presidente da Camara, associando-se á homenagem, á qual, por motivo imprevisto, não lhe foi possível assistir.

Parabens ao excelente Chefe de Jardinagem dos principais Jardins do Minho.

FARMACIA DE SERVIÇO

Amanhã, está de serviço a Farmacia Antero Faria.

PEDRO PEREIRA DA SILVA

Acompanhado de sua extremosa Esposa regressou do Congo Belga a Fão o nosso prezado amigo e assinante, Sr. Pedro Pereira da Silva, importante negociante. Os nossos cumprimentos.